

**CATÓLICOS, DISCIPLINA!: O COMBATE AO COMUNISMO E AO
PROTESTANTISMO NA IMPRENSA CATÓLICA MARANHENSE NA
PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX**

Mirian Ribeiro Reis¹

Universidade Estadual Paulista - UNESP
mirian.reis@hotmail.com

As ideias comunistas tiveram uma adesão significativa por parte da sociedade brasileira na conjuntura dos pós 1930. A crise dos sistemas políticos e econômicos baseado no liberalismo fazia com que parte da sociedade principalmente aquela jovem e intelectualizada, vissem no comunismo a solução para os problemas do país (MOTTA, 2002, p. 9). À medida que as ideias comunistas atraíam as atenções de parte da sociedade brasileira, os discursos anticomunistas ganhavam as páginas dos jornais. Forjado pelo Estado, pelo empresariado e pela Igreja Católica, o comunismo era visto como a principal ameaça a propriedade, a família e a religião devendo por isso ser combatido.

Segundo Rodrigo Patto Sá Motta (2002), no Brasil o anticomunismo surgiu logo após a Revolução de 1917 e seguiu a linha de quase todos os países capitalistas, que, temerosos com o poder de atração que o *exemplo russo* poderia exercer sobre as massas proletárias, conjugaram-se esforços com diversos setores da sociedade civil e se lançaram na campanha principalmente propagandística, contra o que consideravam a ameaça do *credo o vermelho*.

O discurso católico anticomunista, objeto desta análise, não foi forjado apenas a partir do século XX, a necessidade de combate ao comunismo e os supostos males causados por ele já constavam nas encíclicas escritas por Leão XIII, no final do século XIX. A primeira encíclica papal dedicada exclusivamente ao combate ao comunismo foi a *Quod Apostolici Muneri* na qual Leão XIII, dizia que o objetivo do documento era “apontar esta peste mortal que se introduz como a serpente por entre as articulações mais íntimas dos membros da sociedade humana, e a coloca em um perigo extremo”².

Tentando explicitar mais claramente de quem era o adversário que se acobertava por *disfarces* diversos, o papa conclui “nos referimos a esta seitas de homens, que debaixo de nome diversos e quase bárbaros, se chamam socialistas, comunistas ou niilistas, e que espalhados por toda a superfície da terra [...] se esforçam para levar a

¹ Doutoranda em História pela Unesp.

² Papa Leão XIII, Encíclica *Quod Apostolici Muneri*, Petrópolis: Vozes, 1951, p. 3.

cabo o desígnio, que tem formado de há muito, de destruir os alicerces da sociedade civil”³.

Destruidores da sociedade civil, naturalmente assentada na ordem e na autoridade, nos documentos papais do final do XIX e início do século XX já se percebe uma característica muito comum, constitutiva do discurso anticomunista católico que posteriormente ganharia as páginas dos jornais, qual seja, o de atribuir aos comunistas, características que os ligam ao imaginário cristão-católico, principalmente à figura da serpente e do diabo. Neste contexto, nas encíclicas papais e principalmente nos jornais, as representações sobre o embate entre Igreja Católica e comunismo geralmente ganharam ares de luta entre o bem e o mal, entre Deus e o diabo.

Ao pesquisar sobre o imaginário anticomunista católico no conjunto daquilo que ficou conhecido como imaginário anticomunista brasileiro, Carla Simone Rodeghero (2003), ressalta que o imaginário anticomunista católico expressava-se por meio da utilização intensa de elementos simbólicos, formulando definições que se apropriavam, na maioria das vezes, de expressões com sentido conotativo. “Falava-se no demônio vermelho, nas crueldades diabólicas do comunismo, na maldade satânica, na propaganda verdadeiramente diabólica, etc.” (RODGHERO, 2003, p. 33).

No Maranhão, o discurso anticomunista tomou conta não apenas da imprensa católica, mas dos diversos jornais *laicos* existentes em São Luís e nas demais cidades do interior do estado. Segundo Ariel Tavares Pereira (2010), na capital, boa parte da imprensa periódica dedicava-se ao combate ao comunismo e em cidades do interior, muitas vezes era imprensa católica a responsável pelos discursos mais inflamados contra o *perigo vermelho*.

Em Caxias, o combate ao comunismo pelo menos no período aqui analisado coube exclusivamente ao jornal católico *Cruzeiro* haja vista que no jornal *Voz do Povo* e no *Singular*, talvez pela curta existência desses periódicos, não encontramos nenhum artigo referente à presença e ação de comunistas na cidade. No *Cruzeiro*, o comunismo era condenado e combatido como ideias desordenadoras da sociedade, como destruidores família, da religião e por conseguinte, como inimigo da Igreja.

Nunca será demais insistir sobre as desgraças que envolve a calamidade marxista: os profissionais da desordem perversamente bradaram um dia “Le crericalisme, volla l’ennemi”, A nós, porém, os filhos da Igreja e que por

³ Op. cit.

todo direito pudemos gritar e fazemo-lo deveras: “o soviétismo, eis, o maior se não o único inimigo” (JORNAL *CRUZEIRO*, 4 de jul. de 1936, p. 1).

O comunismo era condenado veemente pelo pensamento e pelo discurso católico da época na medida em que era considerado como um agente desordenador da ordem natural criada por Deus. Neste sentido, para a Igreja Católica, o discurso comunista ameaçava a instituição, na medida em que segundo o pensamento católico pregava uma sociedade onde os valores morais cimentados no catolicismo como a propriedade, família, o casamento indissolúvel e a própria Igreja deveriam ser desconsiderados ou mesmo eliminados. Segundo Rodrigo Patto Sá Motta (2002, p. 21):

A representação do comunismo como inimigo absoluto não derivava apenas do medo que conquistasse as classes trabalhadoras. A questão central na ótica dos responsáveis católicos, no que não estavam desprovidos de razão, é que a nova doutrina questionava os fundamentos básicos das instituições religiosas. O comunismo não se restringia a um programa de revolução social e econômica. Ele se constituía numa filosofia, num sistema de crenças que concorria com a religião em termos de fornecer uma explicação para o mundo e uma escala de valores, ou seja, uma moral.

Apesar de não encontrarmos no *Cruzeiro* nenhuma referência mais clara, que nos permite saber quem eram realmente os comunistas caxienses, sabemos que em 1953 foi criado o partido na cidade e que antes mesmo da sua criação oficial, existiam as chamadas células em diversos pontos de Caxias, inclusive formadas pelos ferroviários da estrada de Ferro São Luís-Teresina, em três das quatro indústrias têxteis e em localidades situadas na zona rural da cidade (PIRES, 2010).

Se a presença das ideias comunistas entre o operariado caxiense se fez presente desde muito cedo, os discursos condenatórios veiculados pela imprensa também não tardaram a aparecer. Em 1936, três após a fundação do jornal *Cruzeiro*, um articulista tratava dos avanços do comunismo na Europa ao mesmo tempo em que alertava a sociedade caxiense das possíveis estratégias utilizadas pelos *bolcheviques* para angariar adeptos.

Felizmente acordaram os povos, não porem, sem experimentaram, os efeitos da propaganda nefasta dentro de suas fronteiras. Dos males o menor. O certo é que acordaram, e hoje não há paiz, seja ele embora a Espanha ou o Mexico, onde as forças vivas da nacionalidade se organizem e entre em combate franco nas reivindicações gloriosas dos direitos de Deus, da Pátria e da família.

[...]

Estejamos, pois, sempre alerta e muito prevenidos contra as metamorphose corruptoras dos filhos de Lucifer (JORNAL CRUZEIRO, 4 de jul. de 1936, p. 1).

Para o articulista, as nações católicas subestimaram o perigo comunista esboçando uma reação apenas quando o *perigo* era iminente ou assolador. O avanço do movimento no México e na Espanha era recorrentemente citado como indicativo que não se poderia subestimar o inimigo dando-lhe liberdade de ação. Neste contexto, a exortação tinha um claro objetivo de alertar os poderes civis a cerrar as trincheiras no combate aos comunistas, muito provavelmente em decorrência de em 1935, ter ocorrido o movimento denominado de Intentona comunista, considerado pela Igreja uma *pérfida* intenção de se implantar no Brasil o *flagelo* bolchevista e uma traição de parte do exército à pátria constituída sob tradições cristãs (JORNAL CRUZEIRO, 4 de julho de 1936, p. 1). Por fim, artigo termina associando os comunistas, ao diabo que como um ser astuto é capaz de se metamorfosear no intuito de ludibriar os menos atentos e desavisados.

O interessante é observar que em Caxias, ao contrário das ideias comunistas, tenazmente combatidas pela imprensa, a doutrina integralista recebeu uma melhor acolhida no seio da Igreja, em boa medida porque encampava um discurso de defesa da ordem, da autoridade, e das tradições.

Segundo Helgio Trindade (1986), o Integralismo foi uma das respostas de parte da sociedade brasileira a crise dos governos liberais da República Velha. Possuindo uma concepção de homem e de sociedade integral, o Integralismo possuía características de um movimento político e cultural, de cunho nacionalista, e tinha como adversários declarados o liberalismo, o capitalismo internacional, o socialismo e o judaísmo (TRINDADE, 1986, p. 320).

A data da criação da Ação Integralista no Maranhão não é precisa. Caldeira (1999) nos informa que os jornais maranhenses existentes em São Luís dão conta do movimento integralista na capital a partir de 1932, mas não deixavam muito claro se tratavam da instalação de sua primeira sede ou se tratavam da expansão do movimento pelo interior do estado.

Somente a partir de 1933, os jornais ludovicenses dão como certa a existência de integralistas no estado a partir da identificação das reuniões do núcleo em alguns bairros da capital. Cooptando parte dos setores das classes médias urbanas maranhenses, um dos objetivos da Ação Integralista Brasileira no Maranhão seria disputar a preferência

das classes trabalhadoras com Aliança Nacional Libertadora, organizada no estado a partir de 1935 (CALDEIRA, 1999).

Segundo Caldeira (1999), o contrário da Aliança Nacional Libertadora, que restringiu suas ações à capital, a Ação Integralista teve uma recepção maior nas cidades do interior do estado, cidades como Carolina, São Vicente Ferrer, Bacabal e Caxias passaram a possuir núcleos da A.I.B, a partir de 1935.

Em 20 de julho de 1935, o jornal *Voz do Povo* noticiava a criação de um núcleo integralista em Caxias

Os que como eu, assistiram no dia dezesseis desse mês do ano da graça do nosso senhor Jesus Christo ali na praça Gonçalves Dias á inauguração festiva e solemne da sede integralista(não seria melhor, integralistica como ensinam os mestres?) devem ter ficados verdadeiramente assombrados depois do que lá viram e lá ouviram. E não era para menos. Com effeito, os ilustres membros, do ilustrado clero caxiense foram e não faz muito, entre nós os defensores das instituições políticas vigentes [...] Que se viu na inauguração da séde dos legionários do Sigma? Uma reunião dos senhores clérigos e dos senhores camisas verdes irmanados, por uma tal união de vistas, por uma tal coesão de ideas, por uma tal solidariedade de propósito na finalidade e de fé, nos princípios, que valeu aqueles um juramento a bandeira do senhor Plinio Salgado. Trocaram-se discurso condemnando a República. Ergueram-se braços simbólicos, jurando fidelidade ao chefe do Integralismo. Bradaram-se “anauês” retumbante na febre de um entusiasmo que eu nem applaudo, aliás nem combato. Extranhei porem a scena (JORNAL VOZ DO POVO, 20 de jul. de 1935, p. 1).

A julgar pela presença de parte do clero caxiense a inauguração do núcleo da A.I.B em Caxias, percebemos que desde o início o movimento teve uma grande aceitação por parte da Igreja Católica local. Caldeira ao analisar este apoio dado pelo clero caxiense ao movimento integralista argumenta que isso deveu-se em parte a necessidade sentida por parte da oficialidade católica no estado de agregar um reforço no combate ao comunismo. Por outro lado, a fala do articulista caxiense demonstra ainda um olhar ressabiado para com o movimento que tomava corpo na cidade, haja vista, segundo este, *nem aplaudir, nem combater* mais apenas estranhar a atitude do clero local, que em atitude posterior, havia ratificado as prerrogativas constitucionais republicanas e dado total apoio ao governo de Getúlio Vargas.

O Integralismo de fato recebeu um apoio expressivo do clero local. Um ano depois da inauguração do núcleo em Caxias, o jornal *Cruzeiro* inaugurava nas suas páginas, uma coluna exclusiva para divulgação da doutrina integralista na cidade, a *Coluna integralista*, na qual um dos articulistas dizia ser o Integralismo:

O contraste flagrante da Liberal democracia, pois tem por methodo reprimir os métodos dos judeus que persistem em ter por pátria todo o orbe terrestre. O integralismo pretende – e há de conseguir educar as classes burguezas no amor do Brasil, no culto a pátria.

[...]

A ação Integralista Brasileira é, pois um movimento de reforma do nosso grandioso Brasil, que appareceu para livrar o povo brasileiro de suas maiores desgraças:-o separatismo e o communismo (Jornal *Cruzeiro*, 28 de agosto de 1936, p. 5).

Mesmo não se sabendo qual foi a justificativa oficial utilizada pelos redatores do jornal para a criação da coluna, haja vista, o jornal apresentar-se como *distante da mesquinhez da vida política, objetivando apenas a defesa da fé e da moral* (JORNAL *CRUZEIRO*, 4 de mar. de 1936, p. 3), percebemos pelo artigo que havia inúmeros pontos de convergência entre o pensamento integralista e o discurso católico dos anos 30: o combate o comunismo sem dúvida, era o mais significativo, aos judeus comumente identificados como materialistas, são atribuídos a disseminação do pensamento comunista revelando o caráter anti-semita do movimento integralista (TRINDADE, 1986). Outro aspecto que se percebe no artigo, é a oposição ao caráter universalista do pensamento comunista, apesar da designação comunista não ser citada explicitamente no jornal.

Contrariamente ao Comunismo, segundo os ideólogos do Integralismo, o movimento carregava em si um caráter regionalista, nacionalista, através da pretensão de se criar o sentimento de amor à pátria. Plínio Salgado, fundador do movimento, Segundo Leandro Ratton Pires da Silva (2010), acreditava que o Integralismo era a uma força coordenadora das consciências capaz de dar um sentido moral e espiritual as ações humanas, pois somente ela ensinava o amor à pátria e o culto a Deus como elementos galvanizadores da unidade nacional.

No *Cruzeiro*, na coluna integralista, um articulista apontava bem este caráter nacionalista e *religioso* do Integralismo

Nosso movimento considera que não devemos permanecer num regime que humilha os honestos, os trabalhadores de todas as classes, pois estes é que devem ser destacados como os effectivadores da grandeza do Brasil.

Para a defesa de nossas tradições de povo christão por excellência, é o Integralismo um movimento re-christianizador, com um surto reformador de mentalidades. (JORNAL *CRUZEIRO*, 28 de agosto de 1936, p. 5).

Neste sentido, apesar das desconfianças da Igreja, o Integralismo apresentava-se como defensor das tradições do povo cristão e um recristianizador da sociedade, projeto

encampado pela Igreja Católica desde pelo menos o final do século XIX. Neste sentido, se não havia um total apoio da Igreja Católica ao movimento, devido principalmente a ênfase dada ao papel *ciência* como guia-mestre na construção desta sociedade, a oposição ao comunismo, bem como a defesa do catolicismo, de uma sociedade coesa pela da ordem e disciplina, feita pelos adeptos do movimento fazia com que o Integralismo fosse visto com simpatia pela oficialidade e pelos intelectuais católicos dos anos 30 (TRINDADE, 1986).

Contudo, esse projeto de *crístandade perfeita*, composta de fiéis católicos organizados em torno da hierarquia, não ficou somente ao nível de uma reorganização das ações da Igreja junto à sociedade no intento de trazer o laicato para o interior da instituição. Com relação aos outros credos, houve um combate intenso através dos jornais e dos órgãos de comunicação locais, a imprensa católica, neste contexto, representou a principal arma de combate na luta contra os supostos inimigos.

“POR UM SÓ CREDO, UM SÓ BATISMO E UM SÓ CRISTO”: Representações sobre o protestantismo e o espiritismo no pensamento católico em Caxias de meados do século XX

Os primeiros protestantes chegaram a Caxias, ainda no final do século XIX, vindo principalmente da América do Norte mais especificamente dos Estados Unidos. No livro *Histórias da história da Igreja Presbiteriana de Caxias* (1995), Anecy Calland Serra Marques permite nos perceber que além do papel missionário estes indivíduos exerciam funções de destaques na sociedade local sendo alguns médicos, engenheiros ou professores. A inserção dos primeiros protestantes em Caxias se deu no contexto do que Santos (2006, p.75) denominou como *religiosidade cristã beligerante*, o que significou intensas disputas no espaço religioso local e, por conseguinte, o acionamento de mecanismos forjadores de identidades.

Segundo ainda Santos (2006), chegados ao país a partir do século XIX, os protestantes sempre se viram diante da tarefa de justificar a importância da religião para cultura brasileira, neste sentido foi forjado por parte dos intelectuais ligados a religião, a ideia de que o protestantismo era, do que havia de melhor em direção à uma civilização.

Por outro lado, a Igreja Católica no Brasil, sempre teve como elemento forte na construção do ser católico a ideia da tradição, da pátria fundada sob o signo do catolicismo. Para um dos articulistas do Jornal *Cruzeiro*, a presença do protestantismo no Brasil, deveria ser considerada algo alheio a constituição histórica do país, pois

segundo este, o povo brasileiro nasceu católico e vive catolicamente desde os albores de Porto Seguro. E há de continuar com a graça de Deus. Mas necessita dos bons ofícios de cada brasileiro. Contudo o seu clero diminuto, a ignorância religiosa, o ensino leigo, a desorganização (sic) oficial, a impiedade crescente, o indiferentismo, o ostracismo da Igreja, a família cristã em menosprezo, etc. Tudo isso nos faz lembrar a celebre frase e adágio certo: chama peste quem empesta os ares... É fato!! A situação dos padres e dos católicos não é das mais tranqüilas e estaveis. Nada temos de garantido, apesar do espírito primacial, é um joguete em face de um analfabetismo criminoso ao lado de um *estado* de mil causas fatais que propinam o ceticismo das massas (JORNAL CRUZEIRO, 2 de maio de 1947, p. 1).

Neste contexto, segundo o pensamento católico, para as missões protestantes não haveria espaço no Brasil, haja vista, o povo já haver sido *catequizado* pelo catolicismo desde a constituição do território na época colonial. Em Caxias, as disputas entre católicos e protestantes remontam os meados do século XIX foram bastante intensas desde quando a chegada dos primeiros presbiterianos à cidade. No jornal caxiense *A Gazeta*, havia inúmeros artigos nos quais alguns pontos do protestantismo eram rebatidos como no artigo que se segue

Nunca o systema regenerador da humanidade inventado por Jesus-Christo e confiado à Igreja que elle levantou no mundo como brilhante pharrol para iluminar na derrota da vida, nunca foi tão contractido como nestes últimos tempos em que a heresia protestante de mãos dadas com incredulos de todas as partes pretende dilatar suas conquistas (JORNAL GAZETA, 1 de out. de 1887, p. 1).

A *Gazeta* representava em Caxias, a imprensa mais alinhada ao pensamento católico uma vez que encontramos em suas páginas inúmeros artigos condenatórios à presença protestante na cidade. Para o articulista da *Gazeta*, o protestantismo representava uma *heresia* em parte porque de acordo com o discurso veiculado no jornal, tinha nascido da própria rebeldia de alguns indivíduos que do seio da Igreja, - uma instituição criada pelo próprio Cristo para direcionar o homem rumo a salvação eterna - teria afrontado os dogmas e as verdades do catolicismo, para o articulista a doutrina protestante não possuía legitimidade para tratar das coisas sagradas, muito menos para interpretar as escrituras, haja vista ser um ramo desmembrado e por isso mesmo cheio de deturpações da verdadeira religião e Igreja, a católica.

Por outro lado, como dá a perceber, o artigo foi veiculado as vésperas da mudança do regime político momento em que a propaganda republicana era bastante

expressiva em todo o país. Neste contexto, o liberalismo, a maçonaria e o positivismo eram tidos como os maiores inimigos da Monarquia. Neste sentido, pode-se conjecturar que os “incrédulos de todas as partes” a qual os recém-chegados protestantes eram acusados de andarem de “mãos dadas”, poderiam ser os opositores do regime monárquico - apesar da Gazeta definir sua postura como de neutralidade em matéria política sem contudo prescindir de apreciação justa e criteriosa dos atos da administração pública (JORNAL GAZETA, 1 de out. de 1887, p. 3).

Segundo Santos (2010, p.109), o manifesto republicano de 1870, teve entre seus assinantes além de intelectuais, juristas e militares, os maçons e protestantes.

Correspondência recebida do bispo do Maranhão do padre Leopoldo, 16 de janeiro de 1922. Arquivo público do Estado do Maranhão. Acervo da Arquidiocese do Maranhão, documentos avulsos do século XX. Caixa: 13, Maço: Correspondências pelo bispo da diocese de São Luís de diversos eclesiásticos (padres, frei, cônegos, vigários etc.), 1908-1973.

No século XX em Caxias, as polêmicas envolvendo protestantes e católicos, ganharam as estações radiofônicas e as ruas da cidade. A documentação eclesiástica e posteriormente a literatura protestante sobre Caxias, apontam os *debates* nas praças públicas como o ponto emblemático da relação quase sempre conflituosa, entre católicos e protestantes na cidade no início do século passado. Em 1922, em carta enviada ao arcebispo Dom Helvecio de Oliveira um pároco de nome Joel dizia que em Caxias:

Estamos nestes dias brigando com os protestantes depois da chegada de alguns ministros [...]. Aliás, mais importante do que é, haver providenciado para que o padre Duboys(?) viesse aqui fazer algumas conferencias contra a propaganda do protestantismo e espiritismo.

Percebemos que diante do aumento número de protestantes na cidade, e conversão de pessoas consideradas de destaques no meio social, as discussões públicas em torno das conferencias foi a arma utilizada por católicos e protestantes para defesa das respectivas doutrinas e manutenção ou conversão dos seus adeptos. Outro ponto importante que transparece na carta é a presença e, por conseguinte, a necessidade de combater o Espiritismo.

O que nos leva a perceber o início da diversificação do espaço religioso caxiense, com a consolidação de outras formas de relacionamento com o sagrado que divergiam da matriz católica romana.

O tímido, mas presente pluralismo religioso caxiense apresentava-se como um microsomo das mudanças porque passava o campo religioso no país como um todo, apesar da tentativa por parte da Igreja Católica em conter essas novas formas de manipulação dos elementos simbólicos concernentes a essas novas formas de religiosidades.

Na continuação da carta, o padre Leopoldo informa que apesar da impossibilidade do padre Duboys comparecer a cidade, o problema dos debates foi resolvido pela Igreja local haja vista o padre Arias Cruz ter atendido seu pedido para dar prosseguimento ao combate aos protestantes.

Alguns contratempos não permitiram a viagem, talvez fique para fevereiro ou março.

Entretanto, o padre Arias cumpria a meu pedido com muito zelo e ótimo resultado. Com duas polêmicas na praça pública e no teatro diante de uma multidão de católicos e protestantes fez calar a boca ao principal ministro deles, seguindo-se a conferência uma magnífica demonstração de fé, acompanhando o povo os Padres para a Igreja processionalmente rezando e cantando, regressando a casa após a bênção do herói. Padre Arias promete-me de ainda falar sobre o protestantismo durante os dias de S. Sebastião.

Correspondência recebida do bispo do Maranhão do padre Leopoldo, 16 de janeiro de 1922. Arquivo público do Estado do Maranhão. Acervo da Arquidiocese do Maranhão, documentos avulsos do século XX. Caixa: 13, Maço: Correspondências pelo bispo da diocese de São Luís de diversos eclesiásticos (padres, frei, cônegos, vigários etc), 1908-1973.

O que se percebe pelo artigo, é que na época do famoso debate, o jovem Arias Cruz ainda não havia se destacado como uma das maiores *inteligências* da Igreja local (COUTINHO, 2005), nem ferrenho defensor do catolicismo em Caxias, – fama que construiria ao longo do tempo e que ficaria na memória dos caxienses até os dias atuais. Daí não ter sido ele, o primeiro escolhido para o debate público, mas um pároco vindo de fora.

Contudo, na impossibilidade do conferencista desejado, o pároco assumiu a tarefa de debater como os protestantes surpreendendo o próprio padre Leopoldo pelo zelo que dedicou à causa, inclusive, segundo o discurso católico, *vencendo* o debate. Apesar do remetente da carta não citar os nomes dos *debatentes* protestantes, acreditamos ser o Reverendo Raimundo Bezerra Lima, membro do presbitério Ceará-

Amazonas que na ocasião se reunira em Caxias, pois Serra (1995) refere-se a um debate ocorrido em 1922 envolvendo o padre Arias Cruz e o citado ministro da Igreja Presbiteriana. O interessante é perceber que os debates era uma importante arma na definição do outro, na construção da identidade, neste sentido era preciso que o maior número de pessoas presenciasse as conferências, no intuito de que tirassem suas próprias conclusões em torno de qual doutrina estaria a *verdade* das coisas *sagradas*. Por outro lado, não era suficiente apenas a ocorrência do debate, mas que se forjasse um discurso acerca do mesmo, no qual ambas as partes se portariam como *vencedora*.

Para o representante da Igreja Católica local, a vitória do padre Arias Cruz foi irrefutável como se percebe na carta do Padre Leopoldo, que naquele momento era a linguagem autorizada a falar em nome da instituição, sendo padre a própria personificação da Igreja, daí a importância deste vencer a *polemica*: supostamente frearia o avanço do protestantismo na cidade e consolidaria cada vez mais a *fé católica* nos fiéis.

Segundo o discurso produzido por membros da Igreja protestante, o conferencista da Igreja Presbiteriana não só venceu o debate, mas ensejou conversões de figuras de destaques da sociedade local como “Benedito Guimarães Aguiar que fora aquele local com o objetivo de vaiar o pastor e conceituado comerciante João de Sousa Leitão que somente veio a se manifestar publicamente como seguidor, dois anos depois” (SERRA, 1995, p. 46).

Desse modo, tanto por parte dos católicos como por parte dos protestantes, a polêmica era o recurso mais utilizado nas demarcações de fronteiras e construção de identidades. Não obstante o relato e a bibliografia sobre a ação protestante em Caxias apontar os debates como mecanismo de defesa, segundo Alves (*apud* AZZI, 1994, p. 34).

O protestantismo [...] para se justificar frente mesmo à comunidade de protestante mundial, tinha de definir o catolicismo brasileiro como paganismo, isto é, como campo missionário onde o proselitismo deveria ser feito a fim de ganhar as almas perdidas para Cristo. A Igreja Católica, por sua vez, contribuiu ativamente para que esta definição se consolidasse, através da atitude intolerante e persecutória que manteve com os protestantes.

Há de se ressaltar também, que o *incômodo* que a presença dos protestantes causava a hierarquia da Igreja não se restringia à cidade de Caxias. No Arquivo Público do Estado do Maranhão encontramos correspondências de párocos de outras cidades do

estado, onde os padres locais davam conta ao arcebispo da presença de missionários evangélicos e da concorrência enfrentada pela Igreja no espaço religioso local. Em 7 de janeiro de 1921, Padre Phillipe de São Bento escrevia a Dom Helvecio uma carta onde dentre os agradecimentos por empréstimos feito por parte do bispo, desejos de um feliz ano novo, o pároco dizia:

Recebi sua carta de 27 de novembro, bem como o precioso livro que vos dignar-se a enviar-me. Muito util ser-me-há este. Agradecido! Muito fructo espiritual da viagem a Caxias? – Assim pedi ao Céu! – De uma sólida e demorada missão aqui estamos precisando, e muitíssimo. –Si V. Excia tivesse ahi a mão uns folhetos ou melhor folhas avulsas contra o protestantismo... Aqui está um sujeito afoitissimo. Dizem até que já comprou casa para templo. É baptista e certamente enviado americano, embora pernambucano ou alagoano de origem. Correspondência recebida do bispo do Maranhão do padre Phillipe, 7 de janeiro de 1921. Arquivo público do Estado do Maranhão. Acervo da Arquidiocese do Maranhão, documentos avulsos do século XX. Caixa: 13, Maço: Correspondências pelo bispo da diocese de São Luís de diversos eclesiásticos (padres, frei,cônegos, vigários etc.), 1908-1973.

Segundo Santos (2006, p. 43), os primeiros missionários batistas já no século XX, tendo estes organizados a primeira Igreja Batista, na capital, São Luís em 1908, prosseguindo a partir daí suas ações missionárias pelo interior do estado.

Percebemos pela carta de padre Phillipe que havia uma intensa troca de informações entre os párocos do interior e a cúpula da Igreja na capital sobre a realidade da Igreja Católica nas diversas cidades do interior do estado. Apesar das limitações geográficas e por vezes climáticas como a distância, as chuvas etc. – parte dessa correspondência tratara da presença e organização de diversas denominações religiosas protestantes nessas *paragens*.

Para padre Phillipe, os protestantes apresentavam-se como seres *afoitos*, ou seja, *afrontavam a verdadeira religião*, tencionado comprar casa para organização do templo nem bem haviam chegado à cidade. Percebemos também, que assim como havia uma rede de informações entre os padres do interior e alta cúpula da Igreja no estado, havia formas das ações dos primeiros protestantes chegados à cidade, serem conhecidas pelos párocos locais, pois segundo, o pároco de São Bento, *dizia-se até* que o primeiro batista já haviam comprado o local para realização das cerimônias religiosas, deixando transparecer que o padre não foi testemunha ocular do fato, mas apenas *ouviu dizer*.

Por outro lado, o padre não deixa de atentar que possivelmente o protestante fazia parte das missões norte americanas batistas no interior do estado, apesar de ser brasileiro de origem, mas não nos permite saber se seria um brasileiro naturalizado americano que teria retornado como missionário evangélico ou se seria fruto das primeiras conversões ao protestantismo na região.

Por fim o padre deixa transparecer que a presença do arcebispo na região teria um efeito moderador da ação protestante na cidade, e diante da possível impossibilidade de isto ocorrer, mensagens enviadas pela maior oficialidade da Igreja Católica no estado deslegitimando ação do missionário batista poderia ser de grande ajuda.

Deste modo, tanto por parte dos católicos como por parte dos protestantes, a polêmica era o recurso mais utilizado nas demarcações de fronteiras e construção de identidades.

O interessante é perceber que no *Cruzeiro*, no período aqui analisado, há poucos discursos que tratassem da presença ou que discutissem pontos específicos da doutrina protestante ou mesmo do espiritismo em Caxias, contudo, nos poucos artigos existentes no periódico sobre a temática, o tom é mesmo encontrado nos jornais caxienses do século XIX ou nas cartas trocadas entre os clérigos locais e autoridades eclesiásticas no começo do século XX: Apologético e condenatório destas doutrinas ou religiões. Em 1936, um articulista tratava da doutrina protestante e espírita em Caxias nos seguintes termos: Falsos profetas são todos aqueles que, occulta ou abertamente hostilizam a religião de Jesus-Christo, espalhando doutrinas falsas, procurando afastar os povos da Igreja Católica. No tempo de Christo eram principalmente os escribas e os phariseus; hoje em dia, são essas centenas e milhares de seitas religiosas, que surgiram no correr da historia e, ainda hoje continuam a enganar o povo com os seus erros e superstições as mais grosseiras, dando ampla liberdade ao pecado e a corrupção dos costumes.

Assim procedem entre nós os emissários do Espiritismo, da Theosophia(?), da Maçonaria, do protestantismo, e outras seitas contrarias ao Evangelho de Jesus Christo (JORNAL CRUZEIRO, 18 de jul. de 1836, p. 1).

Falsos profetas, ludibriadores da boa fé, inimigo da verdadeira religião e igreja, esses discursos, buscava no limite da auto-representação do outro, definir muito claramente as fronteiras entre o catolicismo e demais formas de expressões religiosas, entre o que era considerado verdade e o erro. Era nesta perspectiva que em 1958, o jornal trazia em suas páginas um artigo no qual, a temática girava em torno das diferenças entre a confissão católica e a confissão protestante. No artigo intitulado *exige*

o nosso senhor a confissão católica ou a confusão geral protestante? Um articulista tece as seguintes considerações.

Uma coisa é certa: só Cristo tem a faculdade de perdoar “a quem vos perdoais os pecados, ser-lhes-ao perdoados”. Parece que essas palavras de Jesus Cristo nos dão a entender a obrigação de confessar-se. Parece. Mas os que querem alcançar o perdão dos seus pecados tem de pedir perdão aos apóstolos e aos seus legítimos sucessores.

O sacerdote no confessionário não é sabedor completo e não pode ver o interior das almas. Por causa disto tem de se informar sobre o estado verdadeiro do pecador. Tem de saber os pecados, o seu número e as circunstâncias em que foram praticados. Esse conhecimento só se adquire pela auto-acusação do pecador. Nosso senhor não fala só da faculdade de perdoar, mas se refere também ao não perdoar. E o argumento da retensão dos pecados é o argumento mais profundo da confissão individual. O não perdoar não depende do prazer do confessor – juiz, mas da indignidade do pecador penitente. O Sacerdote- Juiz tem de ser justo na administração do santo Sacramento da penitência. Só pode negar a absolvição ao indigno e ao indisciplinado. Uma confissão geral do sistema protestante não pode servir. Como pode o Sacerdote cumprir a vontade de Jesus Cristo em negar a absolvição a um pecador, se não conhece o seu estado verdadeiro?

A confissão protestante é confusão e não corresponde a vontade de nosso senhor. A acusação individual, a confissão minuciosa dos pecados é necessária e indispensável. Fala-se de confissão leiga dos protestantes. O que vale essa confissão? [...] (JORNAL *CRUZEIRO*, 10 de novembro de 1958, p. 2).

O artigo reproduzido acima é interessante porque nos apontam vários elementos da dinâmica interna do *campo* religioso brasileiro, principalmente as lutas para demarcar quem de direito teria a função na manipulação dos bens religiosos, os chamados por Bourdieu (2007), *bens de salvação*. Diante do avanço do protestantismo na cidade e a cooptação de uma parcela elite caxiense, a Igreja Católica local buscou meios de afirmar-se como a única instituição com direito ao *monopólio* do sagrado.

Um primeiro argumento foi o recurso a memória coletiva que agregava os adeptos do catolicismo em torno de um projeto de regeneração da sociedade por imbuírem-se de uma missão salvífica designada diretamente por Cristo. Aliado a isso, os debates públicos envolvendo católicos e protestantes envolvendo muitas vezes questões pontuais de ambas doutrinas, tornara-se uma arma mais na disputa pelos espaços de poder no interior do *campo* religioso.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

AZZI, Riolando. **O estado leigo e o projeto ultramontano**. São Paulo: Paulus, 1994.

CALDEIRA, João Ricardo de Castro. **Integralismo e política regional: a ação integralista no Maranhão**, São Paulo: Anablume, 1999.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. São Paulo: Perspectiva, FAPESP, 2002.

PIRES, Walnara de Moraes. **O perigo Vermelho sob os trilhos: ferroviários militantes em Caxias (1953-1954)**. 2010. 68 f. Monografia (Licenciatura em História). Universidade Estadual do Maranhão. Caxias, 2010.

RODEGHERO, Carla Simone. **O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande de Sul (1945-1964) - 2ed.** Passo Fundo: UFP, 2003.

SANTOS, Lyndon de Araujo. **As outras faces do sagrado: protestantismo e cultura na primeira república brasileira**. São Luís: Edufma, 2006.

SERRA, Anecy Calland Marques. **Histórias da História da igreja Presbiteriana de Caxias**. São Luís: Gráfica Universitária, 1995.

SILVA, Leandro Ratton Pires. **Deus, pátria e família: Integralismo e catolicismo em Belo Horizonte**. 2010. 157 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

TRINDADE, Helgio. Integralismo: teoria e práxis política nos anos 30. In: FAUSTO, Boris (org.). **História geral da civilização brasileira: Tomo 3: O Brasil republicano: volume 3: sociedade e política**. 3. ed. São Paulo: Difel, 1986.

DOCUMENTOS

JORNAL CRUZEIRO, CAXIAS-MA, 1933-1950

JORNAL VOZ DO POVO, CAXIAS-MA- 1935

JORNAL GAZETA, SÃO LUIS-MA- 1887

Correspondência recebida do bispo do Maranhão do padre Leopoldo, 16 de janeiro de 1922. Arquivo público do Estado do Maranhão. Acervo da Arquidiocese do Maranhão, documentos avulsos do século XX. Caixa: 13, Maço: Correspondências pelo bispo da

diocese de São Luís de diversos eclesiásticos (padres, frei,cônegos, vigários etc), 1908-1973.

Correspondência recebida do bispo do Maranhão do padre Leopoldo, 16 de janeiro de 1922. Arquivo público do Estado do Maranhão. Acervo da Arquidiocese do Maranhão, documentos avulsos do século XX. Caixa: 13, Maço: Correspondências pelo bispo da diocese de São Luís de diversos eclesiásticos (padres, frei,cônegos, vigários etc), 1908-1973.

Correspondência recebida do bispo do Maranhão do padre Phillipe, 7 de janeiro de 1921. Arquivo público do Estado do Maranhão. Acervo da Arquidiocese do Maranhão, documentos avulsos do século XX. Caixa: 13, Maço: Correspondências pelo bispo da diocese de São Luís de diversos eclesiásticos (padres, frei,cônegos, vigários etc), 1908-197